



Laurinda Alves

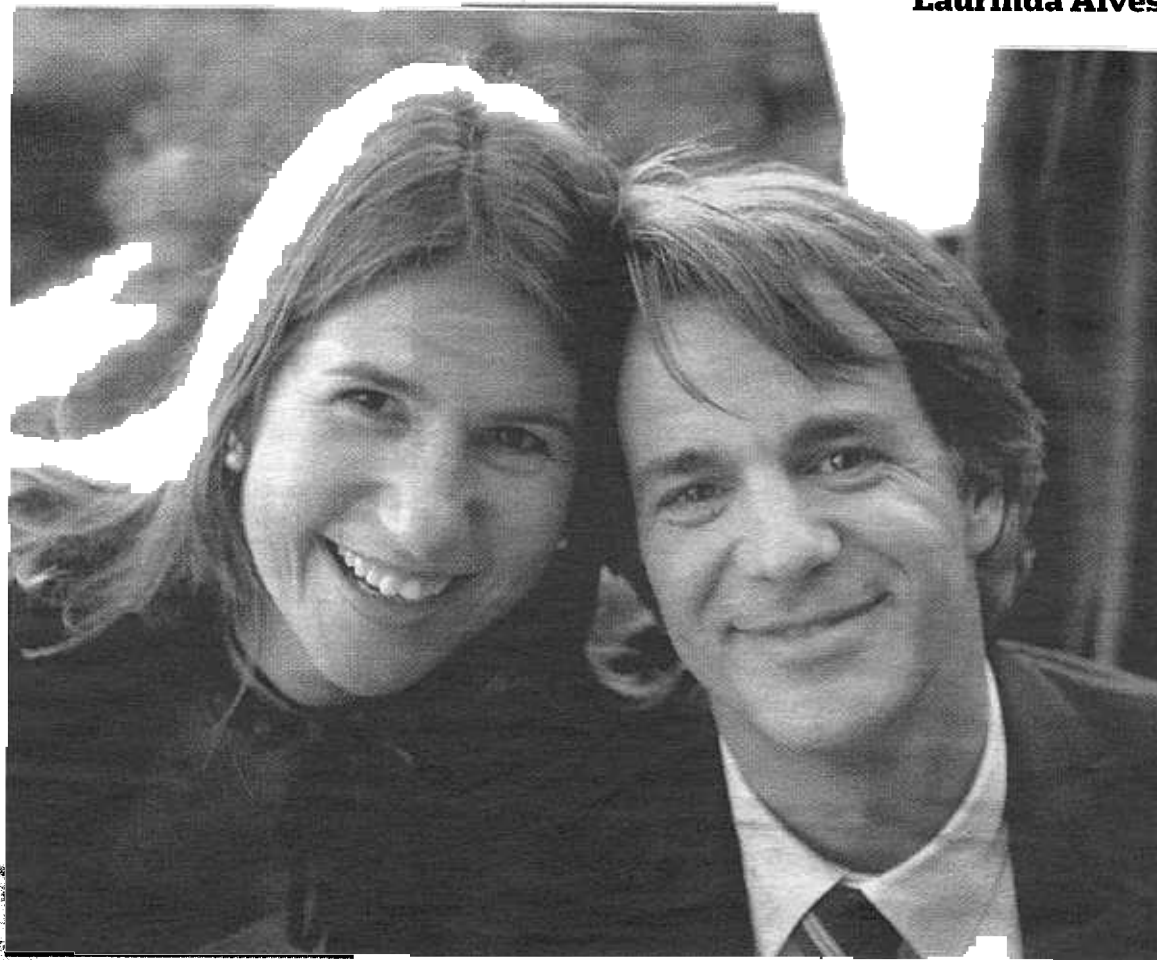
4 • P2 • Sexta-feira 25 Maio 2007

O casamento

Crónica

Na entrada da igreja estenderam, como sempre, um longo tapete carmim mas, desta vez, o tapete assentava numa rampa de madeira cuidadosamente construída para o momento. O noivo chegou primeiro, como todos, e subiu pela rampa de madeira. Avançou para o altar sem hesitações, impecável no seu fraque, ar de rapaz feliz. Era o meio da tarde e a luz começava a quebrar. Sentado na sua cadeira de rodas, esperou tranquilamente aquela eternidade que parece menos que um breve instante quando existe a certeza íntima de que o melhor está para acontecer. Vinda do alto, uma luz amarela coada de uma poeira fina e dourada inundava o lugar onde ele esperava. Ia cumprimentando os que chegavam com um sorriso terno mas percebia-se que estava abstracto. Precisava daquele silêncio e daquela espera para recordar coisas da sua vida passada. O coro ensaiava as últimas músicas num tom vibrante mas percebia-se que ele não ouvia nem via verdadeiramente ninguém. Sorria à direita e à esquerda com ligeiros acenos mas permanecia calado, absorto em pensamentos e memórias. Estava lindo, coberto por aquela luz da tarde.

A noiva entrou pelo braço do pai e a música elevou-se solenemente no ar. Ele rodou a cadeira para a ver enquanto ela avançava devagar, distribuindo sorrisos cúmplices.



Demorou a chegar ao altar porque a igreja é muito grande e estavam ali muitas pessoas muito queridas. A noiva irradiava felicidade, luz e alegria. Paz e certeza também. Estava linda. A cerimónia foi inspiradora

e emocionante para todos os presentes. Houve lágrimas e palavras comovidas mas também silêncios profundos. Sagrados e cheios de mistério. No fim o tapete carmim ficou cheio de arroz e pétalas de rosa, como

acontece sempre. A única coisa diferente, à entrada e à saída, era aquela rampa de madeira cuidadosamente construída para celebrar um momento que nenhum de nós vai esquecer nunca mais.